

“Agosto” e os caminhos da narrativa

Boris Schnaiderman

O último livro de Rubem Fonseca, *Agosto*⁽¹⁾, marca, segundo me parece, uma inflexão importante em sua obra. Ele constitui um momento em que o autor se entrega inteiramente ao ato de narrar.

Neste livro não surgem os *morceaux de bravoure* que dão aos romances *A grande arte* e *Bufo & Spallanzani* um toque requintado. É verdade que se podem apontar facilmente obras com que o autor dialoga, como certos romances de ação e violência (esta operação de haver sempre um texto por trás do texto que se lê, num trabalho de filigrana, como acontece sobretudo em *O cobrador*). Mas aqui tudo vem num ritmo veloz, às vezes até vertiginoso, tendo muito de cinematográfico, conforme já foi apontado em relação aos textos de Rubem Fonseca. Às vezes, temos até, em termos de prosa, algo correspondente aos videocliques.

As descrições são sempre rápidas, incisivas, nunca parecem parte de um “efeito de retardamento”. Ao mesmo tempo, elas se gravam intensamente na memória, graças certamente ao uso muito hábil do pormenor característico.

A ação se passa em agosto de 1954, no Rio de Janeiro, nos dias dos acontecimentos que haveriam de culminar no suicídio de Getúlio Vargas, paralelamente a uma trama policial, que tem também desfecho violento. Os destinos humanos se entrecruzam, e os protagonistas de uma tragédia têm muito a ver com a outra.

Isto permitiu traçar um quadro impressionante do Rio de Janeiro da época, aquele conglomerado estranho em que se desenrolaram acontecimentos decisivos para a vida de todo um povo. É uma cidade em que, a par das benesses da civilização material moderna, desfrutadas por tão poucos, há sinais de descalabro incriveis e onde “de dia falta água, de noite falta luz”. E este desconcerto, este “fim de uma era”, parece deixar sua marca em tudo.

A técnica do pormenor característico transporta o leitor, ora de uma academia de boxe a uma reunião de políticos e jornalistas, na qual pontifica a velha raposa que é o senador Freitas; ora de uma delegacia de polícia, com a visão tenebrosa dos presos no xadrez, a um consultório de médico psiquiatra, que desfia uma verdadeira aula sobre psicose maníaco-depressiva, etc. É um mosaico de episódios em lugares diferentes e, ao mesmo tempo, eles se fundem no todo homogêneo da narrativa em que nada parece supérfluo.

Há toda uma sucessão de acontecimentos ligados com o crime da rua Toneleros. Veja-se como o pistoleiro que comandou a ação despede-se do executor do atentado: “Climério retirou do bolso um maço de notas e deu para Alcino. Dez notas de mil./ Alcino colocou dentro da mala uma suéter, duas cuecas, duas camisas, um gorro de lã de tricô, um terço de contas com uma cruz de metal na ponta e um par de tamancos”. E sessenta páginas adiante, o primeiro inicia a fuga para um lugar que lhe parecia mais seguro: “O dia começava a raiar quando Climério abandonou o seu sítio Refúgio Feliz,

BORIS SCHNAIDERMAN é professor aposentado do curso de russo do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH da USP, tradutor e ensaísta. É autor de *Turbilhão e semente* (Editora Duas Cidades) e *Dostoiévski – poesia e prosa* (Editora Perspectiva).

Agosto, Rubem Fonseca. São Paulo, Companhia das Letras, 349 pp.

Este trabalho é uma variante ampliada de matéria publicada no “Caderno 2” de *O Estado de S. Paulo*, em 14/11/1990.

1 Companhia das Letras, 1990.

Março
Abril
Maio
1991

R E V I S T A
USP
195

carregando uma pequena maleta com roupas, alguns papéis, um revólver com seis balas e os cinquenta e três mil cruzeiros que Soares lhe dera dois dias antes, quando se encontrara com ele na praça da República, ao lado do Campo de Santana, no centro". Não é a descrição metódica e muitas vezes neutra do naturalismo; a apresentação dos pormenores tem algo de simbólico e o detalhe é sempre significativo.

Esta materialidade dos objetos descritos, e apresentados com pleno conhecimento de causa, que já aparecia nas obras anteriores do autor, é aqui levada ao clímax. Com frequência, ela fica marcada por um toque subjetivo da personagem. Assim, quando surge Laura, a dona de um prostíbulo, e dá ordem a um empregado, lemos: "Sua voz é escura como a sala, pensou Mattos". Esta maneira de ver as coisas diz muito sobre a personagem — um policial inteligente, culto, sensível, que dá a impressão de estar perdido na sordidez de seu ambiente de trabalho. Às vezes, parece até meio quixotesco, em seus protestos e tentativas de humanizar o tratamento dado aos presos. O leitor fica tentado a dizer: "Mas um tipo assim não pode existir naquele ambiente". No entanto, o romancista lhe dá tanta força de convicção, que ele adquire uma vida intensa e arrasta consigo até o leitor incrédulo.

A materialidade dos objetos descritos, e apresentados com pleno conhecimento de causa, já aparecia nas obras anteriores do autor, em "Agosto" é levada ao clímax. Com frequência, ela fica marcada por um toque subjetivo da personagem. Assim, quando surge Laura, a dona de um prostíbulo, e dá ordem a um empregado, lemos: "Sua voz é escura como a sala". Esta maneira de ver as coisas diz muito sobre a personagem — um policial inteligente, culto, sensível

Há sucessivas alusões às leituras de Mattos. Mas o que espanta mesmo são as opiniões que expressa. Realmente, esperamos tudo, menos um policial dizer: "Toda autoridade contém, de certa forma, algo de corrupto e imoral". O diálogo em que isto aparece alude claramente aos grandes problemas morais, ligados com o tema do crime e do criminoso. Mas o narrador não se detém nisso, ele não sucumbe à tentação de dar uma variante nacional de *Crime e castigo*. Sua prosa ágil continua a arrastar-nos, ele não se detém para esmiuçar um pouco as tiradas um tanto metafísicas do comissário Mattos ou os seus desabafos de sensibilidade, em meio às misérias de uma delegacia de polícia. Parece apenas dizer-nos: os problemas estão aí, eles foram captados pelo meu policial, mas só me cabe apontá-los.

Às vezes, no caso dos grandes acontecimentos, o pequeno pormenor é dado pelo comentário interior de uma personagem. Assim, pouco antes do suicídio de Getúlio, o barbeiro se oferece em vão para fazer-lhe a barba. E depois de ver o corpo inerte, com uma grande mancha de sangue, pensa: "Eu devia ter feito a barba dele".

Estes pormenores em profusão têm certamente muito a ver com a tensão entre

imagem visual e a sua representação pela escrita. Torna-se muito interessante repensar o problema da prosa de Rubem Fonseca à luz das reflexões sobre esse tema no livro pós-tumo de Ítalo Calvino, *Seis propostas para o próximo milênio*⁽²⁾, no qual esta relação entre imagem visual e palavra escrita adquire um tom dramático e às vezes bem apocalíptico: ... "numa época em que outros *media* triunfam, dotados de uma velocidade espantosa e de um raio de ação extremamente extenso, arriscando reduzir toda comunicação a uma crosta uniforme e homogênea, a função da literatura é a comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando mas antes exaltando a diferença, segundo a vocação própria da linguagem escrita" (p. 58).

Se é muito lúcida esta colocação de Ítalo Calvino, temos de pensar também nas zonas limítrofes, em que a literatura se beneficia dos contatos intersemióticos e cria a sua própria forma de conviver com eles. Isso pode ser constatado certamente na literatura brasileira atual. Um dos pólos desta relação é Valêncio Xavier, com a sua colocação mais direta, mais icônica, da relação entre palavra e imagem visual, com a conjugação de texto e imagens representadas. O outro é, sem dúvida, marcado pela prosa de Rubem

Na página ao lado, Gregório Fortunato penteia Getúlio Vargas num comício em Ponta Grossa, Paraná, 1950

2 Companhia das Letras, 1990. Tradução de Ivo Barroso.



Fonseca, com os seus recursos mais estritamente literários, mas também com a marca forte das imagens visuais.

O panorama construído pelo romancista, neste livro, é realmente grandioso, provavelmente o mais plenamente realizado da obra de Rubem Fonseca. E, sem dúvida, ele nos obriga a pensar um pouco na sorte do gênero, o romance, neste final de século.

Já escrevi sobre o tema³: “Essa morte do romance, tão cantada a partir da década de 1920 pelo menos, era uma atitude que vinha dos fins do século anterior e se encontra em alguns dos grandes autores da época, desde Tolstói e Valéry até José Martí e Euclides da Cunha, mas ela parece não se sustentar diante de uma série de escritores, como Guimarães Rosa, Lezama Lima, William Faulkner, Ítalo Calvino. Seriam todos eles continuadores do século XIX na ficção? Não me parece. Acho muito mais acertada a visão de Bakhtin, que encara o romance como um gênero maleável e protético, que reaparece sempre em formas novas”.

Na verdade, neste final de século o romance assumiu uma diversidade e multiplicidade extremas, como uma das formas em que se expressa o novo tipo de narrativa-de.

Em nosso meio, tem-se absolutizado demais o que Walter Benjamin afirma em seu famoso ensaio “O narrador”. Ele captou ali admiravelmente a estupefação perante a monstruosidade do nazismo, aquela sensação de que não adiantava mais narrar nada. Parecia que as pessoas tinham perdido a própria faculdade de transmitir algo aos demais, de contar uma ocorrência, um episódio que fosse. Tudo parecia vazio e sem sentido.

Mas, retirar este ensaio de seu contexto histórico e falar da morte da narrativa como tal é um verdadeiro absurdo. O narrativo assume novas formas, uma outra dinâmica. Os novos veículos, as “mídia” como se diz hoje em dia, dão uma dimensão diferente à narrativa. Tudo se mistura, e é neste mundo mesclado e confuso que temos de nos orientar. O romance atual, nos seus momentos melhores, consegue certamente expressar esta narrativa multívoca, que deixa de lado tanto o cansaço com o romance psicológico do século XIX como a visão apocalíptica de Benjamin, importante para aquele momento e aquela vivência, mas completamente inadequada para o que se espera de um narrador hoje em dia⁴.

Cartaz do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), de 1944.

³ Revista USP nº 3, 1989, p. 107.

⁴ Semelhante abordagem do ensaio de Walter Benjamin aparece no volume ainda inédito de Jerusa Pires Ferreira, *O livro de São Cipriano – uma legenda de massas*.